

DISCIPLINA DA LINGUÍSTICA PARA O CURSO DE LETRAS:

GÊNEROS TEXTUAIS

META

Expor as propostas dos estudos de textos e discursos baseadas em gêneros textuais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar a forma composicional de alguns gêneros;

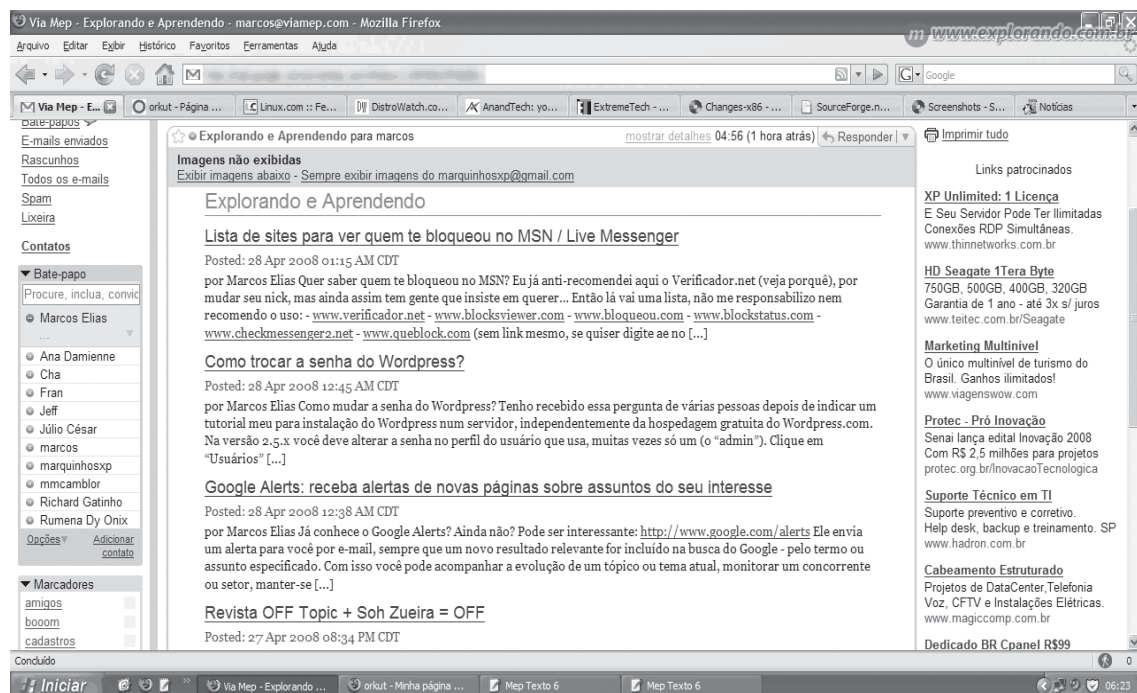
comparar e-mail escrito de maneira mais formal e menos informal;

registrar trechos de conversas telefônicas; e descrever as partes de uma carta familiar.

PRÉ-REQUISITOS

Concepção sobre texto, contexto.

Gêneros na Literatura.



Página de um programa de E-mail - (Fonte: <http://www.explorando.viamep.com>).

INTRODUÇÃO

Você já verificou que nossa comunicação se faz agora de diversas maneiras e através de diferentes textos?

Muita gente usa e-mail, torpedo, chat. Quando eu estava preparando essas aulas que você está estudando, nossa comunicação com o CESAD aconteceu através de muitos e-mails. Também tivemos que fazer um curso de especialização sobre a UAB, para isso usamos muitos fóruns, e-mails, e outros recursos da Internet.

Devido a alta tecnologia, os textos adquirem novos formatos e suportes de veiculação.

Veja um exemplo abaixo (alguns “diálogos” estabelecidos entre Magna - professora do Depto. de Letras, UFS - e eu):

De: “Magna Maria de Oliveira Ramos”
<magnaderamos@yahoo.com.br>
PARA: “Cleide Pedrosa” <cleidepedrosa@oi.com.br>
Assunto: Res: sobre as aulas de Linguística no EAD
Data: sexta-feira, 18 de maio de 2007 13:11

Cleide, minha cara colega, Pedi-lhe a aula 10 no último e-mail, contudo não há mais necessidade, pois já resolvemos o problema. Abraços, Magna

—— Mensagem original ——

De: Cleide Pedrosa <cleidepedrosa@oi.com.br>
Para: Magna Maria de Oliveira Ramos <magnaderamos@yahoo.com.br>
Enviadas: Terça-feira, 15 de Maio de 2007 15:13:43
Assunto: Re: sobre as aulas de Linguística no EAD

magna, seguem aulas, 11, 12, 13
cleide

—— Original Message ——

From: Magna Maria de Oliveira Ramos
To: Elias Pedrosa
Sent: Friday, May 11, 2007 1:59 PM
Subject: Res: sobre as aulas de Linguística no EAD

Magna, seguem outras duas aulas (9 e 10) conforme prometido. por favor, me confirme se recebeu tb as outras de 1- 8
BJO, CLEIDE

—— Original Message ——

From: Magna Maria de Oliveira Ramos

To: eliaspedrosa@uol.com.br
Sent: Friday, April 13, 2007 5:28 PM
Subject: sobre as aulas de Linguística no EAD

Cara colega Cleide,
Estou revisando suas aulas e aprendendo muitas coisas que havia esquecido. Antes de tudo, dou-lhe parabéns pela pontualidade na entrega dos textos. Gostaria de fazer-lhe um pedido com certa urgência. Se possível, reelabore os resumos das aulas enviadas, contendo as idéias básicas de cada aula, ainda que sejam necessárias mais 10 ou 12 linhas para cada resumo. Faça-lhe tal pedido, para que possamos cumprir as exigências do modelo sugerido pelo EAD.

Você verificou que os estilos de Magna e Cleide são bem diferentes para o mesmo tipo de texto ou de gênero textual.

Vamos só conhecer um pouco sobre gêneros textuais, pois você fará uma disciplina que se chama: Laboratório em Gêneros Textuais.

GÊNERO TEXTUAL

A concepção de gênero textual para o campo também da Linguística foi instaurada pelo filósofo da linguagem e teórico literário, Bakhtin (lembra da aula 10 do livro).

GÊNERO TEXTUAL: VISÃO BAKHTINIANA

As atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua, por isso, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros (textos) – diversas formas textuais que atendem a um objetivo sociocomunicativo da comunidade.

Por Exemplos:

A maioria das pessoas faz uma lista de compras antes de ir ao supermercado – lista de compras é um gênero textual.

Algumas pessoas ainda se utilizam de carta para se comunicar com familiares distantes – carta pessoal é um gênero textual.

Quando saímos de casa ou do trabalho e queremos nos comunicar com outra pessoa do nosso círculo, podemos deixar um bilhete – bilhete é um gênero textual. Podemos também fazer uma ligação – a conversa telefônica é um gênero textual.

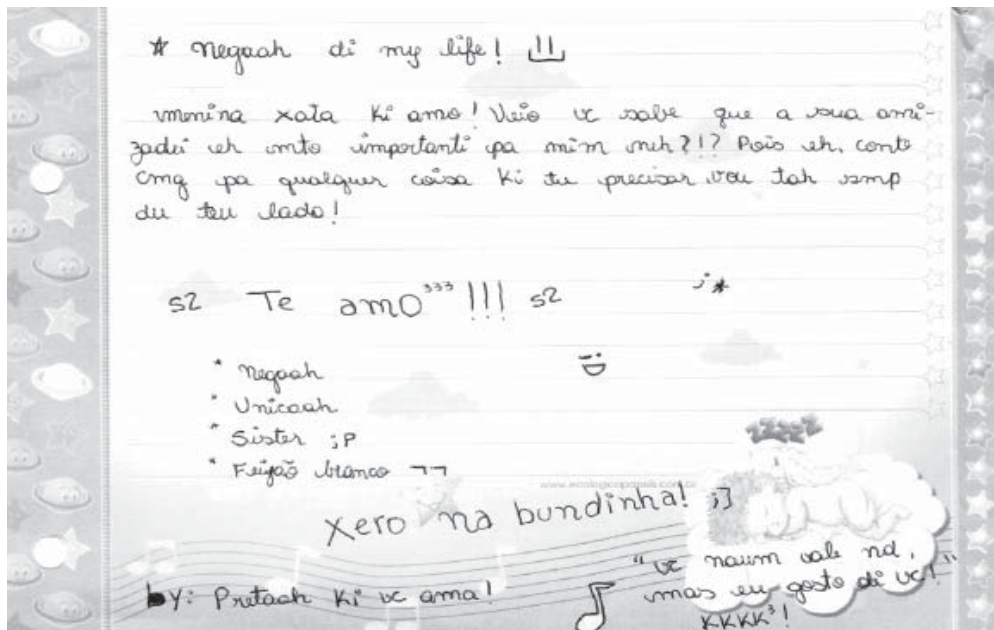


Figura 1: Oliveira, Rosicleide Rosendo Souza de. Comunicação mediada por computador e produções textuais no contexto escolar - uma abordagem comparativa. Monografia de Especialização para o curso Teorias do Texto. Aracaju: UFS, março de 2007.

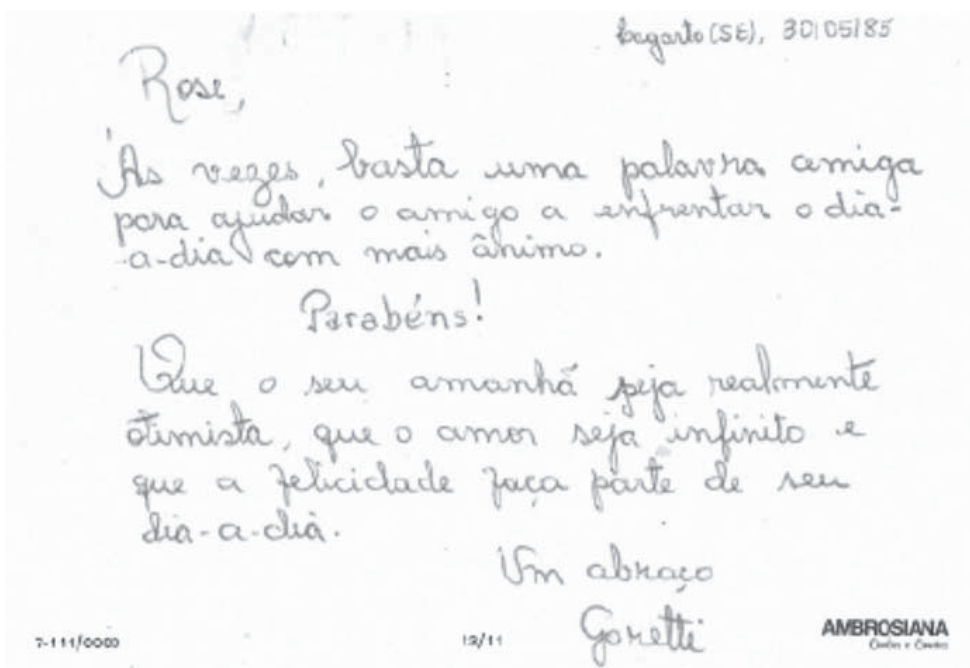


Figura 2: Oliveira, Rosicleide Rosendo Souza de. Comunicação mediada por computador e produções textuais no contexto escolar - uma abordagem comparativa. Monografia de Especialização para o curso Teorias do Texto. Aracaju: UFS, março de 2007.

Podemos perceber que cada uma dessas atividades (fazer compras, por exemplo) se concretiza “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Essas atividades não são acidentais nem desordenadas, tendo em vista que os enunciados produzidos refletem as condições particulares (observou as diferenças entre os dois bilhetes, um de 2007 e outro de 1985) e os objetivos de cada uma dessas esferas, não somente por seu conteúdo, seu estilo verbal, isto é, pela seleção operada nos recursos da língua (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais), mas também, e principalmente, por sua construção composicional. Essa formulação veicula um aspecto central da teoria do gênero do discurso segundo a visão bakhtiniana, a de que os gêneros possuem três dimensões constitutivas:

- a) conteúdo temático ou aspecto temático – objetos, sentidos, conteúdos, gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais;
- b) estilo ou aspecto expressivo – seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero;
- c) construção composicional ou aspecto formal do texto – procedimentos, relações, organização, participações que se referem à estruturação e acabamento do texto, levando em conta os participantes.

Mas uma vez observe os dois bilhetes, e veja as diferenças em relação a letra b acima: o bilhete de 2007 traz uma forte influência da linguagem da internet, você percebeu, não foi?

Os gêneros estão sempre ligados a algum tema e a um estilo, com uma composição própria, e com eles operamos de modo inevitável e incontornável, desde que usemos a língua:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 2000, p. 301-302).

Vamos entender a citação acima.

1. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática.

Você acha que para conversar ao telefone só quem pode fazer isso é uma pessoa que foi à escola?

Alguém precisa ser ensinado na escola a fazer uma lista de compras? Não! Basta ver a dispensa de sua casa e observar o que estar faltando e fazer a lista!

2. [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros

do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais.

Quando nos comunicamos com alguém emitimos enunciados completos, não falamos palavras isoladas.

3. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Já pensou se inventássemos uma forma de texto para nos comunicar todas as vezes que precisássemos? Usei uma carta pessoal hoje, outro mês para me comunicar com a mesma pessoa não posso mais usar carta pessoal e agora o que vou criar? É claro que continuamos a usar carta pessoal (se quisermos) só mudaremos o conteúdo, mas continua a ser uma carta pessoal.

Uma releitura de Bakhtin revela-nos que os gêneros discursivos não são criados, a cada vez, pelos falantes, porém são transmitidos social e historicamente (MARCUSCHI, 2002a). Não obstante, os falantes contribuem, de forma dinâmica, tanto para sua preservação como para sua permanente transformação e renovação. Essa explicação atende ao critério de criatividade nos usos dos gêneros.

Pois é, se não quisermos usar uma carta pessoal, podemos agora utilizar e-mail. Se não quisermos ligar, podemos utilizar um torpedo.

O gênero e o enunciado mantêm uma relação bastante particular, na medida em que o enunciado é não-repetível e individual, enquanto o gênero é relativamente estável, histórico e não-individual. Voltando a explicar: o modelo de carta (pessoal, comercial) mantém mais ou menos estável, todos os indivíduos que a utilizam seguem o mesmo padrão, mas o enunciado, ou o texto, é pessoal, se renova, muda de conteúdo de indivíduo para indivíduo ou o mesmo indivíduo em contexto diferente.

Assim se confirma a já tão conhecida e repetida definição de gênero:

“Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279, destaques do autor).

O fato é que Bakhtin defende uma relação muito estreita entre os vários processos de formação dos gêneros e as ações humanas, tanto as individuais como as coletivas, o que envolve um historicismo necessário. Língua e vida humana interpenetram-se de tal modo que um gênero não será, nunca, mero ato individual, porém, uma forma de inserção social.

Podemos apontar, como importantes, os seguintes componentes da construção das bases sócio-interativas, da teoria dos gêneros de Bakhtin (2000):

- a) cada esfera de atividade humana elabora “tipos relativamente estáveis” de enunciados, denominados “gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279);
- b) os gêneros, numa determinada esfera de comunicação, caracterizam-se pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional;
- c) “a variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve” (BAKHTIN, 2000, p. 291);
- d) os gêneros caracterizam-se como tipos de enunciados particulares, concretos, relacionados a distintas esferas da atividade e da comunicação – esse aspecto indica que os gêneros também são determinados pelos parâmetros de construção dos destinatários;
- e) o enunciado é a unidade real da comunicação verbal, a fala só existe na realização concreta dos enunciados de um indivíduo em situação de comunicação, portanto, o “enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Bakhtin vê os gêneros como resultado de um uso comunicativo da língua em sua realização dialógica, de forma que os indivíduos, quando se comunicam, não trocam orações nem palavras, porém trocam enunciados que se constituem com os recursos formais da língua (gramática e léxico). “As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 325).

GÊNERO TEXTUAL: OUTRAS CONCEPÇÕES

Vários trabalhos, no exterior e no Brasil, são desenvolvidos tendo como referência o estudo do gênero textual. Algumas correntes surgiram em decorrência desses estudos, umas desenvolvendo análises ou propondo parâmetros, outras, classificações e tipologias.

Na atualidade, o termo gênero é usado como referência a uma categoria distintiva de discurso seja ele falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias (SWALES, 1990).

Carolyn Miller (1994) concebe gênero como ação social. Sua proposta apresenta duplo objetivo: desenvolver uma teoria dos gêneros considerando a produção já existente e mostrar como uma dada compreensão de gênero pode dar conta de

| QUANTIDADES | MATERIAIS | LOCAL DE COMPRA | PREÇO |
|-------------|--|----------------------|--------|
| 2 | Balastos eletrônicos 2x36w | Gilamp | 56,10 |
| 1 | Balastos eletrônicos 1x36w | Gilamp | 5,89 |
| 3 | Temporizadores digitais | Aky | 48,75 |
| 10 | Suportes das lâmpadas T8 (6 pares) | Aky | 5,89 |
| 2 | Tubos de Alumínio Ø2x200 cm | Aky | 13,60 |
| 1 | Calha de Alumínio L 1.5x1.5x100 cm | Aky | 2,95 |
| 1 | Calha de Alumínio L 1x1x100 cm | Aky | 1,90 |
| 2 | Calha de Alumínio L 1.5x1.5x200 cm | Aky | 8,00 |
| 1 | Régua de Alumínio .15x1x100 cm | Aky | 1,70 |
| 2 | Parafusos com rosca Ø,4 cm | Aky | 4,00 |
| 1 | Rebites Ø,4 cm | Aky | 4,50 |
| 2 | Parafusos (para o exterior) | Aky | 5,52 |
| 1 | Fio Elétrico 20m | Aky | 5,00 |
| 1 | União dos fios | Aky | 2,00 |
| 1 | Tormada | Aky | 1,50 |
| 1 | 2m Fio (Com Terra) | Aky | 2,00 |
| 3 | Latas de tinta | Aky | 15,00 |
| 2 | Suportes de cortinas | IKEA | 7,00 |
| 1 | Regua de Alumínio 8x2x200 cm | Bricomarchê | 10,93 |
| 3 | Tubos de Alumínio 1x1x100 cm | Bricomarchê | 6,60 |
| 1 | Chapa de Alumínio 80x80x,15 cm | Oficina de Alumínios | 5,00 |
| 1 | Chapa de Alumínio 140x50x,15 cm | Oficina de Alumínios | 30,00 |
| 1 | Cooler P/ Disco Rígido 2 ventoinhas | Nanochip | 6,00 |
| 2 | REVOLTEC Laser Led Azul | Nanochip | 12,00 |
| 2 | REVOLTEC Laser Led Verde | Nanochip | 12,00 |
| 1 | Chapa Refleitora com papel autocolante | Leroy Merlin | 6,00 |
| 2 | Lâmpadas T8 de 36W (Flora) | Leroy Merlin | 20,00 |
| 2 | Lâmpadas T8 de 36W (Daylight) Sera | Sera | 35,00 |
| 1 | Lâmpadas T8 de 36W (Tropic Sun) Sera | Sera | 19,50 |
| 2 | Interruptores | Loja de Electrónica | 4,00 |
| 2 | Transformadores | Loja dos Chineses | 8,00 |
| | | | 366,33 |

Lista de Compras - (Fonte: <http://www.i52.photobucket.com>).

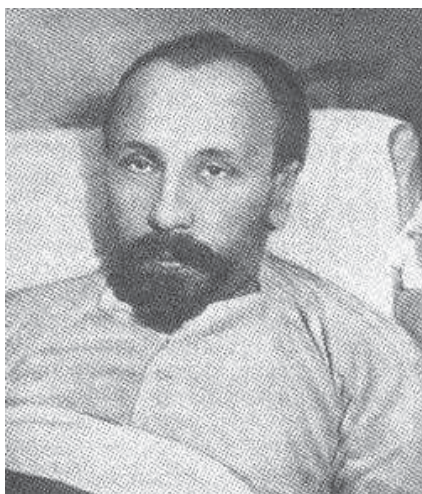
como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos textos particulares. Assim, a autora, representante da escola americana, defende que “uma definição teoricamente sólida de gênero centraliza-se não na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que é usado e atua” (MILLER, 1994, p. 24, tradução e destaque nossos).

Os gêneros fundam-se na recorrência de ações (estamos sempre necessitando fazer uma lista de compras para direcionar nossa ação de ir ao supermercado, é claro que alguns têm a lista virtual, na memória) e situações, pois, todos os dias, fazemos as mesmas coisas diante de situações análogas (se queremos nos comunicar com uma pessoa, podemos ligar sempre que necessário). Assim, os discursos, como gêneros consolidados, vão-se firmando em convenções sociais recorrentes, sempre reproduzidas e até ritualizadas, que produzem os mesmos efeitos, quando as situações são similares.

Antes de agir, sempre interpretamos as situações com algum instrumento que se encontra a nosso dispor, como, entre eles, os modelos disponíveis que entendemos apropriados (é apropriado usar um currículo quando vamos procurar emprego, é apropriado elaborar uma aula quando eu vou trabalhar, é apropriado escrever um artigo quando vou a algum congresso). Daí, Miller considerar relevante uma teoria sobre os tipos de ação humana. Quando temos situações recorrentes, nossos conhecimentos armazenados são evocados para constatar similaridades e, com isso, determinar as ações relevantes ou necessárias.

Com base em uma perspectiva histórico-social, Bronckart (2002) reforça a idéia bakhtiniana de que toda produção verbal requer, essencialmente, que a pessoa “adote” um modelo textual preexistente e “adapte” esse modelo às condições específicas da ação verbal em curso.

Quanto aos estudiosos brasileiros, apontamos Antônia Araújo, que concebe o gênero como ação social, enfatizando “[...] as situações sociais recorrentes, práticas da vida cotidiana e seu uso para atingir propósitos retóricos particulares” (ARAÚJO, 2000, p. 187). Os gêneros, para ela, refletem a repetição de determinados traços discursivos que são institucionalizados por certa sociedade.



Bakhtin (Fonte: <http://www.zone.ee>).

São interessantes as justificativas de Brandão para um fato histórico, o de o conceito de gênero ligar-se, inicialmente, à Poética e à Retórica, e não à Linguística. A razão apresentada tem dupla explicação: “primeiro porque, enquanto uma ciência específica da linguagem, a Linguística é recente e depois porque sua preocupação inicial foi com as unidades menores que o texto” (BRANDÃO, 2001a, p. 259). As explicações têm certo mérito, no entanto, não revelam o porquê de a Linguística passar tanto tempo estudando as unidades menores que o texto, seguindo estritamente a linha estruturalista saussuriana e esquecendo a proposta bakhtiniana.

“Convém lembrar que desde a Antiga Grécia com Platão e Aristóteles as diferentes produções literárias receberam classificações em gêneros lírico, épico e dramático. No entanto, esta divisão já não atendia à diversidade de discursos produzidos na sociedade: conversas informais, cartas, documentos oficiais, artigos, ensaios, charges, e-mails, textos literários, científicos e tantos outros. Assim, principalmente depois dos estudos apresentados por Bakhtin, convencionou-se chamar a esses exemplares discursivos organizados de gêneros textuais.”

Oliveira, Rosicleide Rosendo Souza de. Comunicação mediada por computador e produções textuais no contexto escolar - uma abordagem comparativa. Monografia de Especialização para o curso Teorias do Texto. Aracaju: UFS, março de 2007, p. 12

Brandão (2001b, p. 288-289) destaca dois aspectos da proposta de Bakhtin. O primeiro é o de que os gêneros têm características específicas, contudo, não devem ser considerados como formas impostas aos usuários. Além disso, por mais que os vejamos “estáveis”, não podemos ignorar que a “estabilidade”, no caso, é sujeita a forças de caráter sociocultural e individual, verificando-se, assim, uma tensão entre estabilidade e variabilidade. O segundo aspecto é o da dimensão dialogal intra e intergenérica que um texto forma com outro no espaço textual:

A dimensão dialogal intragenérica seria o diálogo interdiscursivo que se estabelece entre diferentes manifestações textuais pertencentes a um mesmo gênero [...]. Por dimensão dialogal intergenérica entendo que, na prática, em geral, os discursos/textos não se caracterizam por uma pureza, homogeneidade, mas apresentam diferentes modos de combinação de tipos de discurso e de seqüências textuais [...]. Na prática, portanto, os gêneros são marcados pela heterogeneidade e pela interdiscursividade (BRANDÃO, 2001b, p. 289).

Às vezes, encontramos no dia a dia, exemplos de textos que se confundem. Leia o box:

DOMÍNIOS DISCURSIVOS E INTERGENERACIDADE

Encontramos exemplos de intertextualidade inter-gênero em que o gênero 'Frase' incorpora provérbios, propagandas e piadas.

Exemplos:

Provérbios

1. (Veja - 04/04/01) “É como se diz lá no interior: a caravana passa, os cães ladram...” Ana Maria Braga, apresentadora da Rede Globo, na volta retumbante do programa Mais Você
2. (Veja - 12/09//01) “Cabeça vazia é morada do diabo.” José Serra, ministro da Saúde, atribuindo as críticas do candidato do PPS à Presidência à falta do que fazer, já que Ciro “está há seis anos e meio sem trabalhar”
3. (Veja - 18/07/01) “Nossa festa junina tem caminho da roça, mas não tem quadrilha.” Saraiva Felipe, presidente do PMDB mineiro, respondendo ao presidente FHC, que mandou o partido apoiar o governo ou então procurar o caminho da roça
4. (Veja - 01/08/01) “Agora, quem pariu Mateus que o embale.” Waldeck Ornélas, senador baiano, aliado de ACM, referindo-se aos articuladores da eleição de Jader Barbalho à presidência do Senado
5. (Veja - 31/10//01) “Quem pariu Mateus que o embale.” Paulo Pereira da Silva, presidente da Força Sindical, devolvendo ao governo os projetos que a entidade vinha gerindo com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador, que segundo denúncias estariam sendo mal aplicados
6. (Veja - 13/02/02) “Quem pariu o mosquito que cuide dele.” Anthony Garotinho, governador fluminense, culpando o ministro José Serra pela epidemia de dengue em seu Estado
7. (Veja - 01/08/01) “O Tom falava que Garota de Ipanema era a galinha dos ovos de ouro, mas eu não ganhei nem um pintinho com isso.” Helô Pinheiro, a Garota de Ipanema
8. (Veja - 01/08/01) “O Malan é uma mala sem alça.” Fábio Wanderley Reis, cientista político, para quem o ministro da Fazenda não tem chance eleitoral de suceder Fernando Henrique na Presidência
9. (Tudo - 23/11/01) “Desta água eu beberei” Diretor de produção e tratamento do Cedoe - Centro de Tratamento de Água do Rio, Flávio Guedes, sobre a polêmica da água malcheirosa na cidade
10. (Época - 18/02/02) “Quando foi inscrito na prévia, Lula disse

que não moveria uma agulha para ser escolhido. Percebo que ele está movendo o palheiro inteiro.” Eduardo Suplicy, senador e pré-candidato pelo PT à Presidência

Segundo os estudos sobre provérbios (Rocha, 1995), estes apresentam características formais como rima, assonância, metáforas etc; e semanticamente deve conter admoestações e conselhos. Sempre “remetem a verdades gerais, atemporais e costumam ter uma formulação atemporal.” (p. 14)

O estudo do provérbio dentro da perspectiva da lingüística da enunciação deve procurar suas propriedades pragmáticas. O provérbio constitui uma frase feita, ou seja, o discurso do ‘outro’, “sempre citado ou reenunciado, e reenunciável.” (Rocha, 1995: 14).

De certa forma, quando o provérbio é utilizado, o Locutor remete-nos a um ‘outro’ sujeito de forma explícita, como no primeiro exemplo (“É como se diz lá no interior...”), ou de forma implícita como nos outros exemplos que identificamos o uso de provérbio por nossa competência cultural.

Nas inter-generacidades observadas nos exemplos acima, o Locutor relata uma fala de ‘outro’ dentro de sua ‘fala’, contudo fazendo uso de alguns posicionamentos discursivos:

- assumindo totalmente a fala alheia: como no exemplo 2 - “Cabeça vazia é morada do diabo.”;
- negando a fala do ‘outro’ que foi citada: exemplo 7 - “O Tom falava que Garota de Ipanema era a galinha dos ovos de ouro, mas eu não ganhei nem um pintinho com isso.” interpretando e estendendo o provérbio: o exemplo 10 - “Quando foi inscrito na prévia, Lula disse que não moveria uma agulha para ser escolhido. Percebo que ele está movendo o palheiro inteiro.” alterando radicalmente o provérbio: exemplo 9 - “Desta água eu beberei” (já que o provérbio é ‘desta água não beberei’) oferecendo variações sintáticas e lexicais: exemplos 4 - “Agora, quem pariu Mateus que o embale.”, 5 - “Quem pariu Mateus que o embale.”, 6. - “Quem pariu o mosquito que cuide dele.” apresentando trocadilho fonético: exemplo: 8 - “O Malan é uma mala sem alça.”



Frases sobre a páscoa de famosos (Fonte: <http://diegoalemao.blogspot.com.br>).



Volkswagen Gol 2001 (Fonte: <http://www.lunaticfringe.org>).

Propaganda/publicidade

(Veja - 08/08/01) “Faça como a seleção. Leve Gol”. Anúncio de uma concessionária Volkswagen do Rio.

A linguagem publicitária é essencialmente apelativa e se utiliza largamente do recurso da ambigüidade. Embora utilize uma gama de tipos textuais (narração, descrição, argumentação...), a injunção é o seu aspecto central.

“En términos generales podemos afirmar que no hay ningún mensaje inocente, que todo son intencionales.” (Castillo, 1997, 23). Dentro do quadro dessa intencionalidade a mais difundida é a mercantil, que, por sua vez, “se manifesta con toda claridad en la publicidad” (Castillo, 1997, p23).

Com essas posturas atuais em propaganda e publicidade, podemos verificar o quanto o estudo nessa área cresceu. De simples auxiliar de vendedores, tornou-se, hoje, um fenômeno tanto econômico quanto social capaz de influenciar e alterar os hábitos de uma população (Sant’Anna, 1998).

Corroborando essa mesma idéia de Armando Sant’Anna, vamos encontrar a citação de Castillo (1997, p23): “La intencionalidad mercantil es dominante en la comunicación social (...) y alcanza a todas las capas de la población”.

Nesse caso de inter-generacidade, verificamos claramente que a crítica, a ironia predomina sobre a injunção. Esta fala “Faça como a seleção. Leve Gol ” como anúncio de concessionária irá enfatizar que os usuários devem comprar o carro (Gol); já como gênero textual ‘Frase’, a crítica à seleção brasileira se sobressai, pelo fato de, na época, a seleção não ter feito uma boa campanha.

Piadas

1. (Veja - 22/08/01) “O que Suzana Alves e um disco voador têm em comum? Os dois são baixinhos, chatos e ninguém acredita neles!”
Piadinha surgida na semana passada, depois que a Tiazinha disse ter filmado um óvni em plena Marginal Pinheiros

2. (IstoÉ - 20/06/01) “O Titanic afundou em 1912 com as luzes acesas”
“O último que sair não precisa apagar a luz do aeroporto”

Piadas que estão sendo contadas sobre a crise de energia elétrica

“As piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos”, afirma Possenti (2000: 25). Elas são produtivas fontes de manifestações culturais e ideológicas. Segundo o autor, os temas preferidos são: sexo, política, racismo, instituições de um modo geral, desgraças, etc.

Os exemplos acima comprovam por que em casos de inter-generacidade devem ser considerados os propósitos comunicativos do gênero e seu funcionamento. Em resumo, uma piada perde seu valor de riso se tiver que ser explicada; já o gênero ‘Frase’ necessita que se explique o contexto do uso da ‘fala’ o que comprova que a ‘piada’ que foi usada deixe de ser esse tipo de gênero e se molde segundo as características do gênero ‘Frase’.


Para ler artigo completo: Inter-gêneros no domínio jornalístico
Kleber Faye Pedrosa e Cleide Emília Faye Pedrosa

Meurer (2000) afirma que há tantos gêneros textuais quantas são as situações sociais convencionadas em que são utilizados em suas funções também convencionadas. Um gênero é um exemplar específico com função também específica, usado em contextos sociais únicos, estabelecendo processos e ações sociais peculiares e, conseqüentemente, práticas sociais únicas. Os gêneros textuais que os seres humanos produzem, consomem e a eles se expõem lhes determinam, em grande parte, os conhecimentos, a identidade, os relacionamentos sociais, a cultura e até a própria vida que experimentam.

Vejamos, por último, a visão de Marcuschi (2001, 2002 a, b, e c), para quem os gêneros são condicionados por alguns fatores: semióticos – convenções léxicas; sistêmicos – regras gramaticais; comunicativos – sistemas sócio-interativos; cognitivos – processamentos informacionais. Mesmo sendo condicionado por esses fatores, o gênero pode variar quanto a seu uso, de acordo com os contextos discursivos. Por outro lado, esses fatores não são apenas responsáveis pelo condicionamento dos gêneros. Eles podem, em sua variação, conduzir à formação do gênero ou produzir outro gênero. Podem, ainda, motivar alteração de função de um gênero, subvertendo-o.

“Como certos gêneros já têm um determinado uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional permite enfatizar com mais vigor os novos objetivos” (MARCUSCHI, 2002c, p. 21).

Marcuschi aponta o gênero como resultado do trabalho coletivo, o que contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas diárias. Por isso, são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em situação comunicativa qualquer. Quanto às características do gênero apontadas pelo autor, destacam-se: entre as mais relevantes, as comunicativas, as cognitivas e as institucionais; entre as menos relevantes, as peculiaridades linguísticas e estruturais. Já entre os critérios gerais para identificar os gêneros, a ação prática, a circulação histórico-social, a funcionalidade, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

| | | | |
|---|-----------------------|--|--------------------|
|  | | AUTENTICAÇÃO | |
| RECIBO DE TELEGRAMA | | | |
| FORMULÁRIO DE TELEGRAMA | | | |
| DATA ACEITAÇÃO | HORA ACEITAÇÃO | CATEGORIA/SERVIÇOS TAXADOS | PALAVRAS TARIFADAS |
| Nº RST/Nº CPB/Nº CARTÃO/CRÉDITO | TAXADOR | PREFIN/Nº TRANSMISSÃO | Nº BERTEX |
| HORA TRANSMISSÃO | SÍGLO ORIGEM/ DESTINO | PR:ORIGEM/TARIFA | OPERADOR |
| A SER PREENCHIDO PELO REMETENTE | | | |
| NOME DO DESTINATÁRIO OU ENDEREÇO TELEGRÁFICO | | FONE, TELEX OU CX. POSTAL | |
| Equipe Volei | | | |
| ENDEREÇO (RUA, AV., Nº, APTº, BAIRRO, ETC.) | | | |
| Hotel Brasil | | | |
| | BAIRRO | DATA ENTREGA (SE TELEGRAMA PRÉ-DATADO) | |
| | Centro | | |
| CIDADE | ESTADO OU PAÍS | CEP | |
| Belo Horizonte | MG | | |
| TEXTO/ASSINATURA | | | |
| DERROTAS FAZEM PARTE JOGO PT | | | |
| EQUIPE TEVE EMPENHO PT | | | |
| CONTINUAMOS PARCEIROS PT | | | |
| | | | |
| IGM | | | |
| | | | |
| | | | |
| DADOS DO REMETENTE - PREENCHIMENTO OBRIGATÓRIO - NÃO SER TRANSMITIDOS - | | | |
| NOME | | FONE, TELEX OU CX. POSTAL | |
| Indústria Gimenes S/A | | | |
| ENDEREÇO (RUA, AV., Nº, APTº, BAIRRO, ETC.) | | | |
| Rua das Acácias, 500 | | | |
| CIDADE/ESTADO | | OUTRAS INFORMAÇÕES (SE SOLICITADAS) | |
| Campinas/SP | | | |
| 786003-0 | | AS 148 x 810mm | |

Telegrama (Fonte: <http://www.portasdasletras.com.br>).

Sustentando-se em posição de Marcuschi (2001a, 2002b, 2002c e 2003), é relevante, em relação aos gêneros, a seguinte topicalização:

- a) são tipos “relativamente estáveis” de enunciados;
- b) operam em certos contextos;
- c) são reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura;
- d) são definidos por seus propósitos, funções, intenções, interesses;

- e) “são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados” (MARCUSCHI, 2003a, p. 3);
- f) são condicionados pelos fatores semióticos, sistêmicos, comunicativos e cognitivos;
- g) são variáveis em contextos discursivos;
- h) estão ancorados em alguma situação concreta;
- i) estabelecem relações de poder;

CONCLUSÃO

Mais uma vez, ao concluir essa aula, gostaria que você considerasse a questão de algumas mudanças que ocorreram com os gêneros, por exemplo: quem ainda usa telegrama? Quem ainda adentra pombos, para serem pombos correios? Quem (principalmente adolescente) utiliza bilhete como o do modelo de 1985?

Veja a análise que foi elaborada com base no bilhete de 2007, que se encontra na introdução, e sua comparação com a linguagem que encontramos na net:

“O texto passa-nos a impressão de que o produtor não consegue mais se expressar através da linguagem convencional nas produções escritas, visto a grande quantidade de termos utilizados conforme expressões da CMC (Comunicação Mediada por Computador), mostrando nitidamente, que assimilou de tal forma esses códigos, que mesmo em seu manuscrito, escreve como se estivesse usando as teclas do computador. Note-se a quantidade de alterações por influência do CMC, na terceira coluna apresentamos dados de nossa pesquisa, retirados do MSN:

QUADRO COMPARATIVO

| CARACTERÍSTICAS | BILHETE | CMC |
|-------------------------|---|---|
| Alterações ortográficas | di (preposição de) / xata e ki (chata e que) / amizadi (amizade) / importanti (importante) / veio (velho) / pa (para) / tah (estar) / du (do) /) /xero cheiro) | [oww... pensei ki naum fosse falar cmg!] [eu naum fui pq tava meu q qerendu xover] [to elaborando prova aki de 2a xamada] |
| Abreviações | Vc (você) / mto (muito) / cmg (comigo) / smp (sempre) / nd (nada) | [de hoje ki falei ctg e vc nada] [oww... pensei ki naum fosse falar cmg!][e fizeram oq?] |
| Repetição da pontuação | neh?!? / Te amo333!!! (utilização de repetição da pontuação e potência para intensificar a expressão) | [e ai, cm vc tah!?!?] [to bem!!] |
| Prolongamento de vogais | pretaah (preta) / unicaah (única) negaah (nega) | [psiiuuu] [.: oiit] |
| Ausência de acentuação | naum (não) Eh (é) / neh.. (não é) | [e hj soh jogo tb neh?] [pq eu jah vou passar a semana no sitio] |
| Onomatopéias | KKKK | [kkkkkkkkkkkk] - (risos) [eheheheh] (gritos de alegria) |
| Emoticons | S2 - um coração ;* - um beijo ;] - sorrindo;P - dando língua | [=D] - sorrindo [#] - sorrindo [^^] - pensativo, preocupado |
| Estrangeirismo | By: pretaah ki vc ama! Negaah di my life! / Sister | [ai pa me ir de bus qerendui xover...][Im ok][Foi perfect perfect perfect] |

OLIVEIRA, Rosicleide Rosendo Sousa; PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Comunicação mediada por computador e produções textuais no contexto escolar: uma abordagem comparativa. In: PEDROSA, Cleide Emilia Faye et al (orgs.). Mapeando teorias e práticas textuais. Rio de Janeiro: CBJE, 2008. p. 13-34.

RESUMO

Nesta aula, você acompanhou alguns dos estudos sobre gêneros textuais. Bakhtin, filósofo da linguagem, dá início a seu estudo sobre os gêneros de discurso (ou textual), tomado em seu caráter dialógico, ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e que, portanto, não é de admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma conseqüente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. Também observa que toda essa atividade se concretiza “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279). A partir dessa concepção, vários estudos foram desenvolvidos tanto no exterior como no Brasil, você acompanhou a perspectivas de alguns desses autores. Um gênero se define, acima de tudo, por seu propósito comunicativo. Então, cria-se uma fronteira nebulosa quando há uma fusão entre os gêneros, quando esses assumem uma configuração híbrida, ou seja, quando ele adquire a forma (ou objetivo) de outro gênero textual (Marcuschi, 2002a). Essa configuração inter-genérica foi observada e exemplificada, nesta aula, através do gênero textual ‘Frase’ quando este se apropria de textos de outros gêneros como: piadas, provérbios, publicidade. Destacamos também alguns exemplos da linguagem dos gêneros emergentes.

**ATIVIDADES**

1. Compare quanto à forma composicional a carta, o bilhete, o e-mail. Quais as características de cada um?
2. Destaque dos e-mails entre Magna e Cleide, os termos mais formais e os menos formais. Se você quiser também pode usar outros e-mails:
3. Com permissão do outro interlocutor, registre trecho de conversas telefônicas que você teve com alguém:
4. Use cartas familiares e comerciais e indique os termos de abertura e fechamento mais utilizados nos dois contextos:

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

1. Verifique as diferenças na forma destes 3 gêneros. Por exemplo: e-mail vem sem data no corpo do texto, pois há outro espaço em que aparece esta informação. 2 Veja a questão da abreviatura, os termos mais formais, menos formais (formal - Pedi-lhe a aula 10 no último e-mail , contudo; informal - por favor, me confirme se recebeu tb as outras de 1- 8). 3. Veja questão de repetição, frases incompletas etc. 4. Exemplo: “Querido filho” X “Ilustríssimo Senhor”.

Parte dessa aula é uma compilação do artigo publicado:
Gênero textual: uma jornada a partir de bakhtin, de Cleide
Emília Faye Pedrosa, e da obra PEDROSA, Cleide Emília Faye.
Análise Crítica do Discurso: do lingüístico ao social no gênero
midiático. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Antonia D. Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino de redação acadêmica. In: FORTKAMP, Mailice B. M.; TOMITCH, Leda M. B. (orgs). **Aspectos da Linguística aplicada**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 185-200.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- . **Os gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BRANDÃO, Helena N. Texto, a articulação: gêneros do discurso e ensino. In: **Estudos sobre o discurso**. São Paulo: USP, 2001b, p. 286-296 (mimeo – manuscrito para livre docência).
- . Texto, gêneros do discurso e ensino. In: *Estudos sobre o discurso*. São Paulo: USP, 2001a, p. 257-285 (mimeo – manuscrito para livre docência).
- BRONCKART, Jean-Paul. **Limitações e liberdades textuais**. Trad.: Irenise A. B. dos Santos. Recife: 2002 (mimeo).
- HASAN, Ruqaiya. The structure of a text. In: HALLIDAY, M. A. K.; **Language, context, and text: aspects in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989, p.52-69.
- MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais. Recife: 2002a. (apostila).
- . **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Recife: 2003 (Material cedido pelo autor).
- . **Gêneros discursivos & oralidade e escrita: o texto como objeto de ensino na base de gêneros**. Recife: Pós Graduação em Letras – UFPE, 2001 (mimeo).
- . **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. In: *Reunião Anual do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo*, 50, 2002b, São Paulo: USP (mimeo).
- . **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002c, p. 19-36.
- MEURER, José L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce B.M. e TOMITCH, Leda M. B. (orgs). **Aspectos da linguística aplicada**. Florianópolis: Insular, 2000. p. 149-166.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter (eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 23-42.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. 'Frases' e contextos: variações de análise da língua em uso. In: **Intercâmbio de linguística aplicada**, 12., 2002, São Paulo (PUC-SP).

———. Caracterização do gênero e aplicação pedagógica. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 151-165.

———. El género textual 'frase' y su aplicación en el aula. In: **Jornada anual de investigación, 9.; Jornada anual de postgrado, 3.**, 2004, Caracas: Universidad Pedagógica Experimental Libertador.

———. Género textual 'frase': un estudio de las informaciones implícitas. In: **Congreso la argumentación. Linguística, Retórica, Pedagogía**. 2002, Buenos Aires.

———. Léxico: o contador de histórias. In: **Reunião anual da SBPC**, 55. 2003, Recife.

———. Locutores: a construção de sua identidade no gênero midiático. In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 8; Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 1. 2004, Rio de Janeiro.

———. Por uma tipologia do contexto: um estudo nas 'frases' das revistas *Veja* e *Istoé*. In: **Congresso da Associação Brasileira de Linguística**, 2., 2001, Fortaleza (Universidade Federal de Ceará).

———. Retrato falado: uma análise das "falas" de Garotinho através do gênero textual "Frases". In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 6. 2002, Rio de Janeiro.

———. Inter-gêneros no domínio jornalístico. In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 8; Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos**, 2004, Rio de Janeiro.

SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.